

AMONG THE LIVING^{/1941}

Ódio que vive

Um filme de **Stuart Heisler**

Realização: Stuart Heisler / Argumento: Lester Cole, Garrett Fort / Fotografia: Theodor Sparkhul / Música: Gerard Carbonara / Montagem: Everett Douglas / Interpretação: Albert Dekker (John Raden/Paul Raden), Susan Hayward (Millie Pickens), Harry Carey (Dr. Ben Saunders), Frances Farmer (Elaine Raden), Gordon Jones (Bill Oakler), Jean Phillips (Peggy Nolan), Maude Eburne (Sra. Pickens), Frank M. Thomas (Xerife), Harlan Briggs (Juiz), Archie Twitchell (Tom Reilly), Dorothy Sebastian, William Stack, Rod Cameron.

Produção: Sol C. Siegel para a Paramount / Cópia: em 35mm, preto e branco, falado em inglês e legendado eletronicamente em português / Duração: 68 minutos / Estreia Mundial: Nova Iorque, 28 de Agosto de 1941 / Estreia em Portugal: Olímpia, em 4 de Janeiro de 1943.

A série B teve o seu período de ouro do começo dos anos trinta com a instituição do "double bill", o programa duplo com que as companhias enfrentaram a crise (a redução dos preços dos bilhetes foi, durante algum tempo, outra das medidas) para levar de novo o público aos cinemas que possuíam, até fins da década de 40 quando Washington decretou as leis *anti-trust* que obrigaram à separação dos sectores de exibição e produção, até então, na sua maioria, controlados pelas "majors". Durante este período as mesmas companhias criaram secções especiais destinadas à produção desses filmes "de complemento" que iriam acompanhar as produções mais custosas, geralmente as últimas a serem exibidas na sessão. O "B movie" e as curtas-metragens (de animação, desportivas, "culturais") ocupavam geralmente a primeira metade. Sendo apenas para "preencher um buraco" o "B movie" não tinha cuidados especiais. Eram feitos rapidamente, com orçamento reduzido e com uma ou duas tomadas de vista, geralmente uma que o dinheiro não dava para mais, especialmente nas companhias do "Poverty Row". Porque este novo ramo de produção gerou também companhias novas, viradas quase exclusivamente para o "B movie" e que preenchiam os espaços de exibição não ocupados pelas "majors". Dois nomes se destacam entre elas, a Republic e a Monogram, esta última especialmente dedicada a "serials", e à qual Godard dedicou o seu **À Bout de Souffle**.

No primeiro caso da produção B, a originária das "majors", como acontece com o filme desta sessão, o que encontramos é uma espécie de "campo de treinos". Este tipo de filmes, devido aos poucos encargos que acarretavam, de saída e receita sempre garantida (nenhum "B movie" por medíocre que fosse correu o risco de ser um "flop", e muitas vezes eram eles mesmos que reequilibravam orçamentos abalados de super-produções) era o campo ideal para experimentarem novas caras e novos técnicos (na série B se iniciaram Losey, Dmytryk e outros) e de purgatório para vedetas caídas em desgraça. Por outro lado, se realizadores houve que se serviram da série B como trampolim, outros houve que praticamente nunca abandonaram o género, circulando com mais à-vontade entre as suas restrições do que outros com todos os meios à sua disposição. O filme desta sessão, **Among the Living**, é quase uma ilustração do que atrás se disse sobre o "B movie" numa "major", neste caso a Paramount.

Tomemos, para já, o elenco. Albert Dekker, por exemplo, um excelente secundário que, com a sua presença dominou uma série de filmes nos anos quarenta e cinquenta (poder-se-ia dizer mesmo que com a sua ausência, pois não é esta um dos traços dominantes do seu papel em **Kiss Me Deadly?**). Foi só no campo da série B que Dekker pôde aparecer como cabeça de cartaz, em dois filmes, o curioso **Dr. Cyclops** e **Among the Living**, sem dúvida o que mais possibilidades lhe deu. Susan Hayward, uma das muitas ensaiadas candidatas para o papel de Scarlet O'Hara que acabou por apanhar um pequeno papel num filme da Warner até ser contratada pela Paramount que a manteve em papéis secundários e pouco sugestivos. Em **Among the Living** ela mostrou que por detrás do ar de inocente havia algo de inquietante e perturbador na sua figura que valeria a pena ser usado. Ainda demorou algum tempo, mas foi este papel a sua prova de fogo. Finalmente a lendária Frances Farmer (lendária devido ao filme que sobre ela se fez) então a atravessar o purgatório para onde a remeteu a Paramount devido às suas posições. **Among the Living** seria o seu penúltimo filme (só faria no ano seguinte, 1942, **Son of Fury** de John Cromwell), antes de mergulhar num período de alcoolismo e internamentos psiquiátricos.

Stuart Heisler, o realizador, é, no campo da série B, um dos nomes mais notáveis, ao lado de um Ulmer e de um Joseph Lewis. Mais eclético do que estes dois, passando com a mesma facilidade do musical, onde fez um excelente **Blue Skies** com Fred Astaire e Bing Crosby, ao filme de guerra com **Beachhead**. Mas foi no western, como Lewis, e no "negro" como Ulmer, que Heisler melhor deu a medida das suas capacidades. Se Ulmer já foi revalorizado (e com inteira justiça, em especial o indescritível **Detour**), e se Lewis tem vindo progressivamente a sê-lo, Heisler é encarado com uma certa benevolência e simpatia, mas pouco mais, como o são um Andre De Toth, um Ray Enright, um Lewis Seiler. Mas isso é outra história.

Among the Living comporta em si já muitos dos elementos do cinema "negro" que nos anos seguintes se afirmaria em força, para que Heisler contribuiria com o excelente **The Glass Key**, uma das melhores adaptações de Hammett: o fatalismo que paira sobre o personagem central, a "mulher fatal", ou pelo menos um embrião dela, na cúpida Millie (Susan Hayward) e a fabulosa utilização do preto e branco, das trevas e da iluminação. Mas este último dado parece vir diretamente do expressionismo, através de Sparkuhl, operador alemão que colaborou com Lubitsch na primeira fase da obra deste realizador, para além de Richard Oswald, sendo também o diretor de fotografia do lendário **La Chienne** de Renoir. Sparkuhl, com Musuraca e outros operadores menos conhecidos, foram os responsáveis pela criação de uma "atmosfera" que marca todo o cinema "negro" dos anos quarenta. A influência germânica, ou do expressionismo, como quiserem, não se reflecte só na fotografia. O tema e o desenvolvimento do filme de Heisler tem muito em comum com aquele cinema. O duplo papel de Albert Dekker, nos dois gémeos, um são e outro doente mental retoma o tema do "doppelganger" frequente no cinema alemão dos anos vinte. E, como neste, John e Paul são o complemento um do outro, sendo um mantido em segredo, "recalcado", e irrompendo com violência quando a crise se manifesta. Recalcado o "lado mau", considerado morto (através da falsificação duma certidão de óbito) será o "outro" o alvo da ira da turba numa feroz caça ao homem, onde se reflecte o cinema de Fritz Lang, de **Matou! a Fury**, a que Heisler dá o ritmo sufocante graças a uma montagem rapidíssima que da explosão de violência se limita a captar o essencial. Sequência extraordinariamente bem lograda que não resulta de mero acaso. Quem conhece a obra de Heisler sabe da sua habilidade para encenar estas sequências em que a violência é mais um clima do que um movimento: **Dallas** (A Paz Voltou à Cidade), e especialmente **Storm Warning** (Tragédia na Cidade) atestam-no bem. Aliás este último filme, sobre manifestações do Ku Klux Klan numa pequena cidade sulista (com Ronald Reagan) desenvolve de forma ainda mais significativa o clima de histeria colectiva que presenciamos no final de **Among the Living**. O que nos traz de novo para a influência alemã e de Lang, através

do “julgamento popular” de Dekker que reflecte, da mesma forma trágica o de Peter Lorre em **Matou!** Vale a pena destacar, para terminar, alguns dos momentos significativos deste excelente filme de Heisler: toda a sequência de abertura no cemitério que com a sua atmosfera gótica parece remeter-nos para um filme de terror; toda a sequência da cave onde o gémeo se encontra prisioneiro, enquanto rebenta a tempestade; a aparição de Susan Hayward, duma forma que se tornará clássica no cinema “negro” a vir; a fabulosa sequência do assassinato da rapariga do bar, com as *plongées* da perseguição por entre as ruelas e o crime visto de longe. Tudo vai culminar no alucinante final com a histérica caça ao homem.

Manuel Cintra Ferreira

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico